

OS ESTUDOS SOBRE SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA EM PORTUGAL, TRINTA ANOS DEPOIS

MÁRIO JORGE BARROCA*

Resumo: *A mudança de paradigma no estudo das sepulturas escavadas na rocha, ocorrida em Portugal há trinta anos, relançou o interesse por este tipo de estruturas arqueológicas. Desde então, têm-se multiplicado os contributos, com inventários e levantamentos realizados no âmbito de cartas arqueológicas, de investigações académicas ou de simples estudos regionais. A quantidade de dados acumulados nas últimas três décadas é significativa e vale a pena tentar fazer um ponto da situação dos conhecimentos adquiridos. É isso que tentaremos fazer neste texto, apresentando uma revisão bibliográfica sobre o tema, particularmente ao nível dos trabalhos académicos. Tentaremos, igualmente, apresentar os principais aspetos que estes monumentos funerários permitem abordar, desde as questões cronológicas, a sua filiação religiosa e as problemáticas relacionadas com a organização dos espaços de enteramento (cemiteriais ou não).*

Palavras-chave: *Sepulturas escavadas na rocha; Portugal; Investigações recentes.*

Abstract: *The change of paradigm in the study of rock-cut graves, which occurred in Portugal thirty years ago, has renewed the interest in these archaeological structures. Since then, contributions have multiplied, with inventories and surveys carried out in the context of archaeological maps, academic research or simple regional studies. The amount of data accumulated in the last three decades is significant and is worth trying to synthesize the acquired knowledge. In this paper we will present a bibliographic review on the topic, particularly concerning academic works. We will also present the main aspects related to these funerary monuments, from the chronological issues, their religious affiliation and the problems related to the organization of burial spaces (in cemeteries or not).*

Keywords: *Rock-cut graves; Portugal; Recent research.*

Completaram-se, em 2017, trinta anos sobre a edição do nosso estudo *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*, apresentado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, previstas na lei para progressão na carreira docente universitária nos casos das áreas científicas em que ainda não existiam cursos de mestrado¹. A monografia que preparámos para essas provas debruçou-se sobre os testemunhos funerários do vasto espaço do Entre-Douro-e-Minho, abarcando os distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto. Estruturado em três partes, o estudo consagrou a sua 2.^a Parte aos vestígios funerários do chamado período da Reconquista, que se desenvolve depois da Antiguidade Tardia e

* FLUP/DCTP; FLUP/CITCEM. Email: mbarroca@letras.up.pt.

¹ BARROCA, 1987.

antes da plena Idade Média, grosso modo, entre os séculos IX e XI. Nesse estudo individualizámos uma série de sarcófagos sem solução antropomórfica e decorados com cruces em relevo (cruces apenas na cabeceira; ou cruces duplas, na cabeceira e nos pés), bem como arcazes ornamentados com estruturas arquitetónicas (normalmente arcaturas), que associámos a essas recuadas centúrias. Analisámos e reenquadrámos, cronologicamente, as tampas em estola, galegas e portuguesas, que a maioria dos autores, na esteira de Manuel Chamoso Lamas, considerava serem «suévic» e que, como então demonstrámos, pertencem a este período cronológico mais avançado, como eloquentemente nos provam diversos casos epigrafados, quer galegos, quer portugueses, dentro dos séculos X e XI. O exemplo mais recente, que se conserva no Mosteiro de Cête, foi criado em 1065 e reutilizado em 1117. E, por fim, chamámos a atenção para a riquíssima problemática que gravita em torno das sepulturas escavadas na rocha, maioritariamente enquadráveis dentro da cronologia acima referida, e que se configuram como um veículo privilegiado para o estudo das velhas matrizes de povoamento. Perdoe-se-me alguma imodéstia ao afirmar que, as mais de cem páginas que consagramos a estas sepulturas marcaram uma viragem na forma como os estudos arqueológicos portugueses passaram a olhar para estes testemunhos.

Passados trinta anos sobre a publicação desta obra, entendemos que seria interessante convocar uma reunião científica para discutir as problemáticas das sepulturas escavadas na rocha na fachada ocidental da Península Ibérica, realizando um pouco o contraponto ao congresso que Núria Molist e Gisela Ripoll organizaram no Museu de Olérdola, em 2009, em homenagem a Manuel Riu i Riu, intitulado *Arqueologia funerária al nord-est peninsular entre els segles VI i XII²*. Como essa reunião incidiu apenas sobre a área oriental da Península Ibérica — maioritariamente a zona da Catalunha — entendemos que se justificava uma nova reunião que dedicasse a sua atenção ao espaço atlântico da Península Ibérica, desde o mundo galego, asturiano e cantábrico até ao espaço algarvio e andaluz. E foi sob esse desígnio que surgiu a convocatória para o Congresso Internacional *Sepulturas Escavadas na Rocha da Fachada Atlântica da Península Ibérica*, que reuniu na FLUP, nos dias 19 e 20 de outubro de 2017. O nosso contributo estrutura-se em torno de quatro tópicos: uma revisão da bibliografia portuguesa mais recente sobre o tema; uma reflexão sobre os aspetos cronológicos (a origem e o abandono desta moda sepulcral); o contexto religioso a que corresponde este tipo de enterramentos; e os grandes modelos de organização espacial.

² MOLIST CAPELLA, RIPOLL, 2012.

1. PARA UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DO TEMA

O estudo das sepulturas escavadas na rocha conheceu diferentes fases. Poderíamos dizer que existe uma fase inicial, que se estende desde as primeiras referências bibliográficas, do século XIX, até ao ano de 1968, em que a cronologia destes sepulcros foi objeto das mais díspares interpretações, que podiam ir desde os recuados tempos da Idade do Bronze até ao mundo romano ou posterior³. Essa fase, que podia ter sido ultrapassada em Portugal em 1934, fruto dos dados revelados em S. Pedro de Lourosa e na Sé Velha de Coimbra, prolongou-se até 1968, altura em que Alberto del Castillo apresentou, ao XI Congresso Nacional de Arqueologia, em Espanha, uma comunicação intitulada *Cronologia de las tumbas llamadas Olerdolanas*⁴, em que, pela primeira vez se demonstrou, de uma forma clara e inequívoca, a medievalidade de estes sepulcros. Os estudos de Castillo conheceram, ainda, uma segunda publicação determinante para o tema — o livro *Excavaciones Altomedievales en las Provincias de Sória, Logroño y Burgos*, integrado na coleção «Excavaciones Arqueológicas en España» e editado em 1972, onde aquele autor publicou os resultados das suas escavações nas extensas necrópoles de Duruelo de la Sierra, Revenga e Cuyacabras⁵. Baseando-se nestas três extensas necrópoles, Alberto del Castillo criou uma teoria evolucionista para as sepulturas escavadas na rocha, que partia de modelos arcaicos, não-antropomórficos (que atribuiu ao Século VII), para terminar em modelos complexos, antropomórficos (que datava dos Séculos IX-X e XI). Concorde-se ou não, a teoria de Alberto del Castillo marcou, definitivamente, os estudos de sepulturas escavadas na rocha. Os seus estudos haveriam de constituir a base para novas e diversificadas abordagens sobre as necrópoles rupestres peninsulares e, muito embora hoje estejam em muitos aspetos ultrapassados, o seu contributo foi inestimável.

Em Portugal, as principais linhas de força da tese de Castillo só começaram a ser difundidas e trabalhadas a partir dos anos oitenta. Surpreendentemente, os seus estudos demoraram mais de uma década a atrair a atenção dos investigadores portugueses... O primeiro estudo que se pode inscrever nesta nova fase foi realizado por nós, em colaboração com António Joaquim Cardoso Morais, sobre as sepulturas escavadas na rocha da zona da *Terra* de Aguiar da Pena, circunscrição territorial

³ Como demonstrámos em 1987, Alberto Correia subscreveu a inverosímil cronologia dentro da «Idade do Bronze»; Emílio Hübner entendia que estes sepulcros eram «celtas» ou «iberos»; Augusto Filipe Simões e Aristides Amorim Girão consideravam serem «proto-históricos»; Simão Rodrigues Ferreira (a quem se deve o primeiro texto que publica sepulturas deste tipo em Portugal) e Santos Rocha defendiam que eram «romanos»; Francisco Martins Sarmento, José Leite de Vasconcelos, Rocha Peixoto, D. Domingos de Pinho Brandão e Fernando Lanhas declaravam-nos «pós-romanos», «cristãos» ou «paleocristãos», sem precisarem muito melhor a datação; D. José Pessanha e Manuel de Aguiar Barreiros diziam-nos «bárbaros», talvez atribuindo ao período suevo-visigótico; e, por fim, Félix Alves Pereira e Vergílio Correia foram os únicos a proclamarem, de forma inequívoca, a sua medievalidade.

⁴ CASTILLO, 1970.

⁵ CASTILLO, 1972.

medieval que correspondia grosso modo ao atual concelho de Vila Pouca de Aguiar e a parte do concelho de Ribeira de Pena⁶. Neste estudo inventariámos e estudámos as necrópoles do planalto do Alvão, tendo os dados sido revisitados e atualizados dois anos mais tarde, na publicação das escavações do castelo de Aguiar da Pena⁷. No ano seguinte, em 1987, apresentámos na Faculdade de Letras do Porto o estudo *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho*⁸ onde, como referimos, o tema das sepulturas escavadas na rocha foi amplamente tratado, com uma abordagem teórica, de síntese, e com um inventário dos exemplares conhecidos para os três distritos em análise (Viana do Castelo, Braga e Porto). O interesse que esse capítulo suscitou, como se pode aferir pelas introduções e enquadramentos de vários trabalhos académicos publicados posteriormente, e a ausência de uma edição comercial da tese — que chegou a estar programada, mas que nunca se concretizou — levou-nos a publicar, mais tarde, uma versão revista desse capítulo, na «Portvgalia»⁹. De per-mei-o estudámos diversos conjuntos sepulcrais, como os da zona de Baião¹⁰, os de Salvador do Monte (Amarante)¹¹ e os dos concelhos raianos de Trás-os-Montes e de Riba Côa¹². A convite da Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, da Póvoa de Varzim, publicámos igualmente um trabalho sobre a posição defendida por Rocha Peixoto a propósito da cronologia das sepulturas escavadas na rocha, nas páginas da primeira série da revista «Portvgalia», que foi objeto de uma virulenta, e injusta, recensão crítica por parte de José Leite de Vasconcelos¹³.

Depois do nosso estudo de 1987, os trabalhos académicos que envolveram monograficamente o tema das sepulturas rupestres, ou nos quais estes sepulcros ocuparam uma parte significativa, foram-se alargando. Tentaremos arrolar, aqui, os principais estudos ao nível das dissertações de mestrado, cientes de que, saindo do restrito âmbito dos trabalhos académicos, a exaustividade seria impossível de alcançar.

Em 1996 Jorge Adolfo de Meneses Marques defendeu a sua dissertação de mestrado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, intitulada *Sepulturas Escavadas na Rocha na região de Viseu*, estudando uma ampla zona em torno da cidade de Viseu, abarcando os concelhos de S. Pedro do Sul, Castro Daire, Moimenta da Beira, Vila Nova de Paiva, Vouzela, Viseu, Sátão, Aguiar da Beira, Tondela, Carregal do Sal, Nelas, Mangualde, Penalva do Castelo, Fornos de Algodres e ainda a parte

⁶ BARROCA, MORAIS 1983.

⁷ BARROCA, MORAIS 1985-86.

⁸ BARROCA, 1987. A parte relativa às sepulturas escavadas na rocha corresponde às páginas 103-175.

⁹ BARROCA, 2010-2011.

¹⁰ BARROCA, 1988.

¹¹ BARROCA, 1990.

¹² BARROCA, 2008-2009.

¹³ BARROCA, 2009.

ocidental do concelho de Sernancelhe¹⁴. Ao todo foram inventariadas 543 sepulturas repartidas por 168 locais distintos. A maior parte das sepulturas correspondiam a exemplos isolados (53 locais com 1 sepultura) ou a núcleos muito reduzidos (45 locais com 2 ou 3 sepulturas). Apenas 30 estações arqueológicas tinham entre 4 e 10 sepulturas e, com mais de 10 sepulturas, só se identificaram 5 locais. Neste último grupo destacam-se, naturalmente, a necrópole das Forcadas (Matança, Fornos de Algodres), com 24 sepulcros, a necrópole da Tapada do Anjo (Fornos de Algodres), com 22 sepulturas, e a necrópole de Fornelos ou da Quinta da Raposeira (Sernancelhe), com 21 sepulcros. Para além destas necrópoles, destacam-se igualmente os cemitérios polarizados em torno de templos paroquiais, como é o caso da Igreja matriz de Mangualde, com os seus 44 sepulcros, e de outros templos onde não foi possível determinar a verdadeira extensão dos enterramentos, encontrados durante obras de restauro. Ao longo da sua dissertação, e do ponto de vista tipológico, Jorge Adolfo de Meneses Marques regista 178 sepulturas não-antropomórficas (32,8%), 261 sepulturas antropomórficas (48,1%), 92 sepulturas indeterminadas (16,9%) e 12 sepulturas inacabadas (2,2%). Posteriormente, o autor haveria de publicar diversos estudos consagrados ao tema¹⁵.

No mesmo ano de 1996, Ricardo Teixeira defendeu, também no Mestrado de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, uma dissertação intitulada *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*, onde, entre muitos outros materiais, as sepulturas escavadas na rocha também foram objeto de atenção. Foram inventariadas 74 sepulturas escavadas na rocha na zona de Chaves, sendo 7 não-antropomórficas (9,5%), 47 antropomórficas (63,5%) e 20 de tipologia indeterminada (27,0%)¹⁶.

No ano 2000, no Mestrado de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Marina Afonso Vieira apresentou o estudo *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*, que viria a ser editado em 2004¹⁷. Ao longo desta obra foram inventariadas 87 sepulturas escavadas na rocha (mais 4 desaparecidas), onde se verifica uma larga predominância para as sepulturas que ignoram as soluções antropomórficas: 71 sepulturas são não-antropomórficas (49 ovaladas, 12 sub-retangulares, 6 retangulares e 4 trapezoidais), o que corresponde a 90,0% dos exemplos estudados, e apenas 8 sepulcros optaram por soluções antropomórficas (10,0%)¹⁸. Neste aspeto, a zona do Alto Paiva contrasta com a maior parte das regiões portuguesas já estudadas.

¹⁴ A sua tese, com edição policopiada de 1996, foi editada em livro: MARQUES, 2000.

¹⁵ Entre outros, MARQUES, 1991; MARQUES, 1997; MARQUES, GAMA 1995; MARQUES, 1999.

¹⁶ TEIXEIRA, 1996.

¹⁷ VIEIRA, 2004.

¹⁸ VIEIRA, 2004: 131.

Em 2002, Isabel Justo Lopes apresentou, no âmbito do Mestrado de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, uma dissertação intitulada *Contextos Materiais da Morte durante a Idade Média: as necrópoles do Douro Superior*¹⁹. Neste estudo, que se debruçou sobre concelhos das duas margens do curso superior do Douro português, foram inventariadas 455 sepulturas escavadas na rocha (71 a norte do Douro, correspondentes a 15,6%; 396 a sul do rio, correspondentes a 84,4 %). Para além de se verificar um peso muito distinto na distribuição do número total de sepulcros pelas duas margens do rio, verificou-se ainda uma diferença na opção (ou não) pelo antropomorfismo. Na realidade, a norte do Douro as sepulturas não-antropomórficas e antropomórficas encontravam-se em proporções relativamente equilibradas: 31 sepulcros são não-antropomórficos (43,7%), 2 com antropomorfismo incipiente (2,8%), 34 antropomórficos (47,9%) e 4 indeterminados (5,6 %). Mas, a sul do Douro, a tendência para o antropomorfismo revela-se claramente predominante: 133 sepulcros são não-antropomórficos (34,6%), 20 apresentam antropomorfismo incipiente (5,2%) e 231 sepulturas são antropomórficas (60,2%)²⁰. Uma situação que contrasta com o panorama do vizinho Alto Paiva, definido pela tese de Mariana Afonso Vieira.

No ano de 2005 foram defendidas duas dissertações de Mestrado em Portugal onde o tema das sepulturas escavadas na rocha voltou a ser tratado de forma extensa.

No âmbito do Mestrado em Arqueologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Catarina Tente apresentou um estudo sobre *A ocupação alto-medieval da encosta noroeste da Serra da Estrela*, onde, a par de outros testemunhos materiais, os sepulcros rupestres foram igualmente estudados²¹. Foram inventariadas 158 sepulturas no espaço do Alto Mondego, na sua maioria integradas nos atuais concelhos de Celorico da Beira e de Gouveia. No que respeita à forma de organização, 14 sepulturas apresentam-se isoladas, 36 surgem em conjuntos de 2 ou 3 sepulturas (15 estações distintas) e 108 associadas em necrópoles com 5 a 22 sepulturas (12 estações arqueológicas). Nesta área salientam-se três necrópoles da freguesia de Mesquitela, Celorico da Beira — Tapada das Pedras, com 9 sepulturas; de Colícias, com 10 sepulturas; e de A-das-Pedras, com 14 sepulturas (esta com a particularidade de serem todas não-antropomórficas) — e ainda a necrópole da Tapada do Anjo (Vila Ruiva, Fornos de Algodres), com 22

¹⁹ LOPES, 2002.

²⁰ LOPES, 2002: I, 245 e 248.

²¹ TENTE, 2007a: 64-107.

sepulturas²². No conjunto das 158 sepulturas inventariadas, 60 são não-antropomórficas (38,0%), 93 são antropomórficas (58,8%) e 5 são indeterminadas (3,2%)²³.

No mesmo ano, mas em Coimbra, Sandra Lourenço apresentava a sua dissertação de mestrado sobre *O povoamento alto-medieval entre os rios Dão e Alva*, que conheceria edição impressa dois anos depois²⁴. Neste estudo foram inventariadas e estudadas 255 sepulturas, correspondendo 105 ao espaço entre os rios Dão e Mondego (41,2%) e 150 ao espaço compreendido entre o Mondego e o Alva (58,8%). Do ponto de vista tipológico, as 105 sepulturas do primeiro interflúvio, repartidas por 46 sítios, correspondiam a 21 sepulturas não-antropomórficas (20,0%) e a 84 antropomórficas (80,0%). No segundo espaço, entre o Mondego e o Alva, os 150 sepulcros distribuem-se por 38 estações arqueológicas distintas e correspondem a 22 sepulturas não-antropomórficas (14,7%), 11 com antropomorfismo incipiente (7,3%), 71 sepulturas antropomórficas (47,3%) e 46 de tipologia não determinada (30,7%).

Em 2008 Luís Miguel Guerreiro Cabrita apresentou uma dissertação de Mestrado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, intitulada *Povoamento Alto Medieval de São Bartolomeu de Messines*, onde abordou o povoamento tardo-antigo daquela freguesia do concelho de Silves²⁵. A sua tese seria editada seis anos depois e constitui o estudo monográfico mais meridional que possuímos, em Portugal, sobre o tema das sepulturas escavadas na rocha²⁶. A freguesia de S. Bartolomeu de Messines abarca uma área muito ampla — correspondendo a cerca de um terço do espaço do concelho de Silves — e no seu âmbito foram identificadas 43 sepulturas escavadas na rocha repartidas por dez estações arqueológicas. Cinco dessas estações são compostas por um único monumento, isolado, enquanto as restantes correspondem a necrópoles compostas por 3 a 18 sepulturas (sendo o valor mais elevado atingido na Necrópole da Amorosa). Todas as 43 sepulturas rupestres estudadas são não-antropomórficas e muitas apresentam um largo rebordo para colocação de tampa. Mais à frente, quando discutirmos o âmbito cronológico deste tipo de enterramentos voltaremos a este estudo, uma vez que ele encerra dados muito interessantes.

²² Para além do seu Mestrado, Catarina Tente tem muitos estudos em torno da temática das sepulturas escavadas na rocha, nomeadamente: TENTE, MARTINS, 1994; TENTE, LOURENÇO, 1998, 2002; TENTE, 2000, 2007a, 2007b, 2007c, 2011, 2012, 2015, 2017; TENTE, CARVALHO, 2015; BROOKES, TENTE, PRATA, 2017.

²³ TENTE, 2007a: 88.

²⁴ LOURENÇO, 2007.

²⁵ CABRITA, 2008.

²⁶ CABRITA, 2014. O ponto 4 (pp. 77-166) é integralmente dedicado às sepulturas escavadas na rocha. O tema já fora tratado pelo mesmo autor em CABRITA, 2011.

Em 2012 Sara Prata estudou os vestígios funerários dos concelhos de Marvão e de Castelo de Vide, no âmbito do seu mestrado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa²⁷. A zona, que já tinha sido estudada, há muitos anos, por Maria da Conceição Rodrigues²⁸ e depois por José Caeiro²⁹, seria finalmente objeto de uma análise segundo as metodologias mais recentes, permitindo identificar dois grandes universos funerários — um, constituído por sepulturas de pedras avulsas, associado a materiais da Antiguidade Tardia, hispano-visigóticos, que é predominante na zona de vale; outro, comportando sepulturas escavadas na rocha, predominante nas zonas mais elevadas, da Serra de S. Mamede. Dentro deste último grupo foram inventariadas 166 sepulturas escavadas na rocha, sendo 59 não-antropomórficas (35,6%), 96 antropomórficas (57,8%) e 11 de tipologia indeterminada (6,6%). As suas conclusões foram retomadas dois anos mais tarde, em estudo publicado em 2014³⁰.

Por fim, registemos a mais recente dissertação de mestrado defendida sobre o tema das sepulturas escavadas na rocha em Portugal, que se ficou a dever a César Leandro Pereira Guedes e que foi submetida no âmbito do Mestrado em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto³¹. César Guedes estudou as sepulturas rupestres entre os rios Távora e Cabrum, ou seja, ao longo dos concelhos de Tabuaço, Armamar, Tarouca, Lamego e Resende. Ao todo foram inventariadas 88 sepulturas: 45 no âmbito do concelho de Tabuaço; 12 no de Armamar; 6 no de Tarouca; outras 6 no de Lamego; e 19 no concelho de Resende. Tipologicamente 49 sepulturas são não-antropomórficas (55,7%), 25 antropomórficas (28,4%) e 14 indeterminadas (15,9%).

Acrescente-se, a terminar, o relatório de Estágio apresentado por Ana Sofia Silva Pereira na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que georreferenciou as sepulturas dos concelhos de Oliveira do Hospital, Penacova, Tábua, Aguiar da Beira, Celorico da Beira, Fornos de Algodres, Gouveia, Seia, Carregal do Sal, Mangualde, Nelas, Oliveira de Frades, Penalva do Castelo, Santa Comba Dão, S. Pedro do Sul, Satão, Tondela, Vila Nova de Paiva, Viseu e Vouzela³².

A situação resultante de todos estes estudos académicos pode ser sintetizada no seguinte quadro:

²⁷ PRATA, 2012.

²⁸ RODRIGUES, 1975, 1978.

²⁹ CAEIRO 1984a, 1984b.

³⁰ PRATA, 2014.

³¹ GUEDES, 2015.

³² PEREIRA, 2015.

Tabela 1. Dissertações de Mestrado com estudo de sepulturas escavadas na rocha em Portugal

Autor	N.º Sep. estudadas
Jorge Adolfo de Meneses Marques (1996)	543
Ricardo Teixeira (1996)	74
Marina A. Vieira (2000)	87
Isabel Justo Lopes (2002)	455
Catarina Tente (2005)	163
Sandra Lourenço (2005)	255
Luís Miguel Cabrita (2008)	43
Sara Prata (2012)	166
César Guedes (2015)	88
TOTAL	1874 Sep.

Fonte: Mário Jorge Barroca

Saindo do âmbito das dissertações académicas, registemos alguns concelhos com levantamentos publicados. É o caso de Fafe³³, de Penafiel³⁴, do Marco de Canaveses³⁵, de Lousada³⁶, de Vila Real³⁷, de Vila Pouca de Aguiar³⁸, de Sernancelhe³⁹, de Fornos de Algodres⁴⁰, de Seia⁴¹, de Carregal do Sal e de Gouveia⁴² e de Mangualde⁴³. Ou de algumas freguesias que, pela sua extensão e pelo número de sepulcros, merecem destaque, como é o caso da freguesia do Rosmaninhal (concelho de Idanha-a-Nova)⁴⁴. E não entraremos, aqui, no domínio das Cartas Arqueológicas, várias das quais apresentam dados sobre sepulturas rupestres.

Por fim, apontemos um ou outro caso de estudos monográficos, sem a preocupação de sermos exaustivos, mas atendendo apenas ao interesse que eles suscitam. É o caso da Necrópole do Senhor da Boa Morte, em Vila Franca de Xira, com as suas sepulturas antropomórficas com encaixes para estelas discoides⁴⁵, situação que

³³ MACHADO, 2019. Publica as 5 sepulturas escavadas na rocha do concelho de Fafe (4 antropomórficas e 1 não-antropomórfica).

³⁴ SANTOS, 2005, inventaria 22 sepulturas escavadas na rocha no concelho de Penafiel.

³⁵ QUEIRÓS, 2011.

³⁶ NUNES, SOUSA, GONCALVES, 2006, 2008.

³⁷ ALMEIDA, 2009. A Autora inventaria 10 locais com um total de 27 sepulturas escavadas na rocha, mais 9 locais com referências a sepulturas entretanto desaparecidas.

³⁸ BARROCA, MORAIS, 1983, 1985-86.

³⁹ Embora com um enquadramento cronológico absolutamente surreal, vd. CORREIA, 1976.

⁴⁰ VALERA, 1990.

⁴¹ RIBEIRO, SILVA, 1997. Os autores inventariam 23 sepulturas escavadas na rocha: 5 não-antropomórficas e 18 antropomórficas.

⁴² TENTE, LOURENÇO, 1998. As autoras inventariam 63 sepulturas escavadas na rocha em Gouveia e 24 em Carregal do Sal, sendo 11 não antropomórficas (12,6%) e 76 antropomórfica (87,4%).

⁴³ TAVARES, 1999, 2007.

⁴⁴ CHAMBINHO, HENRIQUES, CANINAS, 2015. Os autores publicam 47 sepulturas escavadas na rocha: 1 isolada, 7 sepulturas em conjuntos de 2 ou 3 sepulturas, e 39 sepulturas em 5 necrópoles.

⁴⁵ SANTOS, 1991-92. Esta necrópole e os encaixes para estelas discoides já tinham sido referidos por Vergílio Correia (CORREIA, 1946: 101).

encontra paralelo nas sepulturas da Capela de S. Miguel, em Monsanto, em algumas sepulturas da necrópole da Malpartida (Almeida) ou em sepulturas de Jagueiros (Viseu) e de Alpendurada (Marco de Canaveses). Ou da Necrópole da Igreja de S. Pedro de Marialva, escavada por Maria Antónia Amaral, que foi, durante algum tempo, a mais extensa necrópole de sepulturas escavadas na rocha em Portugal⁴⁶. A necrópole de S. Pedro de Marialva destronou, nessa condição, a Igreja de St.^a Marinha de Moreira de Rei que, com mais de meia centena de sepulcros visíveis, foi durante muitos anos o mais extenso caso em território português. Mas o número total de sepulturas de S. Pedro de Marialva foi largamente suplantado por esta mesma necrópole de Moreira de Rei que, em escavações recentes, ainda em curso, já ultrapassou as cinco centenas de sepulturas, tornando-se, assim, a mais extensa necrópole de sepulturas escavadas na rocha em Portugal e, até, julgamos nós, na Península Ibérica.

Por fim, não podemos deixar de registar os recentes contributos de Iñaki Martín Viso, que assinou algumas das mais estimulantes reflexões sobre as sepulturas escavadas na rocha no espaço da Beira portuguesa⁴⁷.

2. QUE ENQUADRAMENTO CRONOLÓGICO?

Neste segundo tópico de reflexão abordaremos o enquadramento cronológico das sepulturas escavadas na rocha, procurando averiguar quando surgiram os primeiros exemplos e até quando perdurou esta moda de enterramento.

A questão das origens das sepulturas rupestres continua a ser objeto de debate entre os investigadores. Como se sabe, Alberto del Castillo defendia que as primeiras sepulturas escavadas na rocha, de tipologia não antropomórfica (ovaladas, trapezoidais ou retangulares), deviam ser atribuídas aos séculos VII/VIII e que as sepulturas antropomórficas seriam coevas da «Reconquista» e do «Repovoamento»:

Esta forma [antropomórfica] de tumbas parece privativa hispânica y hay que situarla en relación com la Reconquista y la Repoblación. Conocemos tumbas excavadas en la roca de la época tardorromana y visigótica. Pero son de forma rectangular o de bañera, no antropomorfas⁴⁸.

O seu principal argumento para atribuir os sepulcros não-antropomórficos à fase final da monarquia visigótica era o caso de Sant Vicens de Obiols, onde Castillo tinha encontrado, em 1960, um triente de Égica (697-702) no interior de uma

⁴⁶ AMARAL, 2001; CUNHA, UMBELINO, TAVARES, 2001. Foram escavadas 86 sepulturas, correspondendo a 140 enterramentos, sendo 6 não-antropomórficas (7%) e 80 antropomórficas (93%). A escavação forneceu numismas de D. Afonso III a D. Sebastião e tem datação absoluta de C14 dentro do século XV: 1401-1497 cal AD (93,4% prob.) (cf. TENTE, CARVALHO, 2015: 131).

⁴⁷ MARTÍN VISO, 2005-2006, 2007, 2011, 2012a, 2012b, 2016, 2017.

⁴⁸ CASTILLO 1970: 838.

sepultura ovalada⁴⁹. Mas o valor cronológico deste exemplo é muito discutível. Com efeito, Castillo não escavou o adro de Obiols. Procedeu a uma limpeza do interior da sepultura, para o seu registo, e foi então que, nas suas palavras, a moeda apareceu «en el rincón del fondo», ou seja, no fundo do sepulcro. Tal foi suficiente para associar as sepulturas ovaladas à «última época visigótica» e escrever: «El origen visigótico de las tumbas olerdolanas no parece ofrecer duda». No entanto, devemos assumir que o valor cronológico desta moeda é muito questionável. Com efeito, a sepultura não estava intacta, mas fora violada e esvaziada do seu conteúdo, e não é claro que os sedimentos que estavam no fundo da cavidade sepulcral fossem coevos do enterramento. Poderiam resultar de intrusões mais recentes, sedimentos que tivessem escorregado para o interior da cavidade quando esta já se encontrava a descoberto, o que será a situação mais provável. De resto, a colocação de uma moeda no *fundo* do sepulcro é uma situação pouco usual, porque normalmente o numisma, resquício da velha prática do óbolo a Caronte, era colocado *sobre* o corpo do morto (nas suas mãos, na sua face, sobre os olhos, no interior da boca), mas não *por baixo* do corpo, como seria neste caso (uma vez que a moeda apareceu colada ao fundo da sepultura). Por outro lado, o triente de Égica não assegura a contemporaneidade da sepultura com o reinado deste monarca visigodo. Quando muito, indicaria que o sepulcro era contemporâneo ou posterior a ele. De resto, seria interessante saber se o numisma apresentava (ou não) sinais de desgaste por circulação, o que poderia indiciar se a ocultação ocorreu pouco depois da sua cunhagem ou se foi realizada num período mais afastado, depois de a moeda ter circulado. Em suma, o argumento de Castillo parece-nos demasiado frágil.

No entanto, alguns autores avançaram com novos dados que recomendam cronologias em torno dos finais do século VII para os primeiros exemplos de sepulturas rupestres.

Jorge López Quiroga defendeu, em diversos estudos seus, uma origem tardo-antiga para as sepulturas escavadas na rocha não-antropomórficas, a que atribuiu uma cronologia «a lo largo del siglo VII»⁵⁰. Entre os exemplos que invocou em abono da sua ideia salienta-se a Sepultura 7 da Necrópole de Gerena (Sevilha), uma sepultura que, no entanto, apresenta uma cabeceira quadrangular, sendo, portanto, antropomórfica. A Necrópole de Gerena tem sido datada dos séculos V-VII e forneceu inscrições datadas dos anos de 652 e 662. Outro exemplo convocado por Jorge López Quiroga foi o da basílica de El Tolmo de Minateda (Hellín, Albacete), erguida no século VII e escavada por Sónia Gutiérrez Lloret⁵¹. Em torno desta basílica, alinhadas na zona da cabeceira e na fachada ocidental do templo, foram criadas várias sepulturas escavadas

⁴⁹ CASTILLO, 1970: 838.

⁵⁰ LÓPEZ QUIROGA, 2004, 2010; LÓPEZ QUIROGA, GARCÍA PÉREZ, 2014 (de onde retiramos a frase citada, p. 37).

⁵¹ GUTIÉRREZ LLORET, ABAD CASAL, GAMO PARRAS, 2004; GUTIÉRREZ LLORET, GAMO PARRAS, 2017.

na rocha, de contorno retangular ou trapezoidal, sem sintomas de antropomorfismo e dotadas de largos rebordos para encaixe da tampa. Segundo Jorge López Quiroga, uma das sepulturas «ha sido objeto de una datación por C14 que proporciona una fecha calibrada de AD 602-674». E acrescenta: «Además, se han documentado cuatro tremisses de Witiza fechados a principios del siglo VIII»⁵². Depois de analisar estes, e outros exemplos, Jorge López Quiroga concluiu:

*En definitiva, el origen del tipo de inhumación que conforman las tumbas excavadas en la roca arranca del final de la tardo-antigüedad y, en función de las evidencias materiales y dataciones absolutas de C14 con las que contamos, concretamente en el siglo VII. En todos casos señalados estamos ante tumbas excavadas en la roca de forma rectangular, oval y/o de bañera, y trapezoidales, lo que corrobora, con datos arqueológicos contratados, la cronología propuesta por Alberto del Castillo a partir exclusivamente de la tipología de las inhumaciones*⁵³.

No Sul de Portugal também encontramos dados que corroboram uma cronologia dentro da Antiguidade Tardia para algumas sepulturas escavadas na rocha de configuração não-antropomórfica. A Necrópole do Poço dos Mouros (Alcantarilha, Silves), escavada e publicada por Mário Varela Gomes, é composta por 8 sepulturas escavadas na rocha de tipo não-antropomórfico (ovaladas ou sub-retangulares), com largos rebordos rebaixados, para encaixe de tampa, as quais forneceram espólio votivo tipicamente hispano-visigótico, nomeadamente as usuais vasilhas próprias para líquidos, o que não deixa dúvidas quanto à cronologia desta pequena necrópole⁵⁴.

Estudando sepulturas rupestres de São Bartolomeu de Messines, no mesmo concelho, Luís Miguel Cabrita também defendeu que as sepulturas não-antropomórficas escavadas na rocha eram, no Algarve, «tardo-romanas ou visigóticas». O seu argumento de maior peso é a Sepultura 12 da Necrópole de Amorosa, que forneceu espólio osteológico que foi datado por C14, tendo fornecido uma datação de 1290 ± 40 BP, o que calibrado a 2σ (95% probabilidade) corresponde a 660-780 cal AD⁵⁵ ou a 652-778 cal AD (91,8%)⁵⁶.

Estes dados não colidem com o que outras estações arqueológicas têm vindo a revelar. Já em 1987 tínhamos tido oportunidade de sublinhar que, nas escavações do Convento de St.^a Marinha da Costa (Guimarães), havia um pequeno conjunto de sepulturas escavadas na rocha que tinham sido truncadas pela construção do templo

⁵² LÓPEZ QUIROGA, GARCÍA PÉREZ, 2014: 41.

⁵³ LÓPEZ QUIROGA, 2010: 332; LÓPEZ QUIROGA, GARCÍA PÉREZ, 2014: 45.

⁵⁴ GOMES, 2002.

⁵⁵ CABRITA, 2014: 163. A Necrópole da Amorosa é tratada nesta obra, pp. 99-111 e a sepultura 12 na p. 107.

⁵⁶ TENTE, CARVALHO, 2015: 132.

II da Costa, a igreja asturiana erguida no último quartel do século IX. Essas cavidades sepulcrais tinham, por isso, de estar associada ao templo I da Costa, o templo que Manuel Real atribuiu ao período suevo-visigótico⁵⁷.

Na zona do vale do Douro, as escavações que António Manuel P. Silva, J. A. Gonçalves Guimarães, Laura Sousa e Filipe Pinto têm vindo a realizar no Castelo de Crestuma (Crestuma, Vila Nova de Gaia), têm vindo a revelar uma importante estação arqueológica da Antiguidade Tardia, com abundantes materiais cerâmicos desta época (T.S. Clara D, Foceense, etc.) e cerâmicas posteriores (séculos X-XI). Entre as múltiplas estruturas rupestres criadas no substrato xistoso daquele morro regista-se uma sepultura escavada na rocha implantada na plataforma superior do monte. Trata-se de uma sepultura retangular, não-antropomórfica, com largo e profundo encaixe de tampa, a recordar alguns exemplos meridionais e de cronologias antigas.

Em suma, parece que podemos assumir que as sepulturas escavadas na rocha de tipo não-antropomórfico (ovaladas, retangulares, trapezoidais), particularmente aquelas que apresentam largos encaixes de tampa, muito rebaixados, podem ter uma origem que remonta ao século VII.

A partir de certa altura, as sepulturas não-antropomórficas passaram a conviver com sepulturas antropomórficas. Alberto del Castillo entendia que as diferenças tipológicas exteriorizavam cronologias diversas e, com base neste pressuposto, criou um quadro cronotipológico de matriz evolutiva, partindo de modelos mais simples e «arcaicos», para terminar em modelos mais complexos e «evoluídos». Esta era uma visão simplista do problema. Na realidade, estudos posteriores demonstraram ser seguro que a diferenciação tipológica não exterioriza necessariamente diferenças cronológicas. Parece claro que há tipologias que têm uma particular aceitação em algumas estações ou regiões, o que levou a que tenham sobrevivido durante mais tempo. E que, pelo contrário, há necrópoles que revelam uma pluralidade de soluções tipológicas, algumas seguramente convivendo no mesmo tempo. E se, como acabamos de ver, os casos mais antigos sugerem que as primeiras tipologias são não-antropomórficas, estamos longe de poder dizer que todas as sepulturas rupestres retangulares ou trapezoidais pertencem a uma época tão recuada. Ou, sequer, que o aparecimento e triunfo do antropomorfismo se traduziu no abandono das tipologias não-antropomórficas. A realidade é muito mais complexa...

Passemos, agora, para a segunda questão que gostaríamos de abordar: até quando perduraram as sepulturas escavadas na rocha (não-antropomórficas e antropomórficas)? Alberto del Castillo entendia que a partir do Século XI, quando as sepulturas escavadas na rocha tinham atingido as suas configurações mais elaboradas — com antropomorfismo axial perfeito, com o aparecimento de um desnível entre a cabeceira

⁵⁷ BARROCA, 1987: 137-139; 2010-2011: 143-145. Sobre a cronologia deste templo, veja-se REAL 1985: 9-11.

e o corpo para apoio do occipital e com o desenvolvimento de rebordos alteados —, se teria passado para os sarcófagos. Terá sido assim? Não cremos. Há dados suficientes para podermos dizer que a criação e a utilização de sepulturas escavadas na rocha ultrapassaram em muito os finais do século XI. De resto, a teoria de Castillo partia do princípio que não existiam sarcófagos monolíticos entre os séculos VIII e XI, ou seja, durante o período áureo das sepulturas escavadas na rocha, e que o seu regresso, a partir do século XII, teria resultado de uma evolução encetada a partir da fase final das sepulturas escavadas na rocha. Hoje sabemos que esta premissa é redondamente falsa. Temos abundantes testemunhos de sarcófagos anteriores ao século XI, que conviveram cronologicamente com o uso de sepulturas rupestres. Isto significa que, nesta altura, como em qualquer outra época da História, não existia uma só tipologia de enterramento, mas havia uma pluralidade de opções que tinham a ver com a presença (ou ausência) de afloramentos rochosos, com o poder económico do defunto ou da sua família, com a opção tomada para a localização da sepultura, com a vontade de exposição do sepulcro, ou com simples opções de foro privado e pessoal...

Na Galiza, as escavações conduzidas por Manuel Chamoso Lamas e José Guerra Campos na catedral de Santiago de Compostela, entre 1949 e 1956, forneceram alguns dados interessantes para esta questão⁵⁸. Começamos por sublinhar que não há nenhum elemento seguro que indique que, antes da construção do primeiro templo de Compostela, já existissem aqui enterramentos. Pelo contrário, todos os dados indicam que a grande necrópole revelada pelas escavações arqueológicas de 1949-56 diz respeito ao santuário de peregrinação, que foi rapidamente ganhando dimensão e prestígio. Com efeito, a imensa maioria das sepulturas — sejam sepulturas escavadas na rocha, sejam sepulturas com as caixas ferais definidas por lajes, sejam sarcófagos monolíticos — distribuem-se em torno do templo de Afonso III (Compostela II), sagrado em 899. Associada de forma clara e inequívoca ao templo de Afonso II (Compostela I), sagrado em 829, só encontramos uma sepultura, e por sinal escavada na rocha, que ficou selada pelo *narthex* do templo de Afonso III. As sepulturas escavadas na rocha concentram-se no braço sul do transepto, que era a zona onde o afloramento rochoso era mais superficial. Na zona em frente do templo de Afonso III, onde os sedimentos tinham uma maior potência, a opção foi sobretudo para sepulturas de pedras avulsas já que, se se quisesse criar sepulcros rupestres, seria necessário escavar muito até se atingir o substrato rochoso. Na zona do braço sul do transepto, as sepulturas escavadas na rocha convivem com alinhamentos de muros de uma *villa* romana, que aqui existiu. Chamoso Lamas e José Guerra Campos entendiam que,

⁵⁸ Sobre as escavações de Santiago de Compostela veja-se CHAMOSO LAMAS, 1956a, 1956b, 1957; e a extensa monografia de GUERRA CAMPOS, 1982. *Vd.* também a nossa revisão crítica das escavações de Compostela em BARROCA, 1987: 225-230.

porque se alinhavam com os muros romanos, as sepulturas escavadas na rocha eram «tardo-romanas» (sic), não compreendendo que, até pelo simples facto de conviverem no mesmo espaço, era impossível que a estrutura da *villa* e os enterramentos fossem contemporâneos. Como a interpretação de Manuel Chamoso Lamas e de José Guerra Campos obedecia a um esquema sequencial, para estes autores as tampas em estola, que surgiam a uma cota superior, seriam suévicais...

A revisão crítica das escavações de Santiago de Compostela revela que na fase inicial do culto ao Apóstolo, os templos I e II de Compostela começaram a cativar um número crescente de crentes, que elegeram este espaço para sua última morada. Nessa fase mais recuada, conviveram diferentes modas de enterramento: sepulturas escavadas na rocha, nas zonas onde os afloramentos rochosos eram mais superficiais; sepulturas de pedras avulsas onde os sedimentos tinham maior potência; e sarcófagos monolíticos, alguns cobertos com tampas em estola, que, ao contrário das anteriores modalidades sepulcrais, não se destinavam a ficar enterrados, encobertos pelos sedimentos, mas que eram peças aparentes, pousadas à superfície do terreno e visíveis. Só com o início da obra românica, quando foi necessário libertar o espaço envolvente do templo de Afonso III, é que se procedeu ao seu enterramento. Em vários casos esse processo levou ao corte do pavimento do templo de Afonso III ou do anexo norte, onde se localizava o batistério. As escavações de Santiago de Compostela forneceram um importante conjunto de tampas epigrafadas: Teodomiro († 847), Aroaldo († 885), Floro († na Era DCCCCX...), Vandila († 979), Anastásio († 985), Ermegildo († 1030), Martinho († 1047), Vidramiro († 1058), Dagaredo († 1062) e Mendo († 1072). As tampas mais antigas correspondem a cenotáfios — isto é, não são originais contemporâneos da data indicada, mas monumentos criados mais tarde, para dar sepultura condigna. A tampa de Teodomiro, oficialmente a pessoa que «descobriu» o túmulo do Apóstolo, foi criada no século X. A tampa de Aroaldo cobria um sarcófago antropomórfico. A tampa de Anastásio, na capela adossada a sul do templo, não estava associada a nenhum enterramento. Pousava apenas sobre o solo do mausoléu. O que esta notável sequência epigráfica compostelana nos revela é que, iniciada a obra românica, a partir de 1075, e definido o novo perímetro sagrado, o cemitério de Compostela mudou de local. Passou para o espaço exterior ao perímetro da obra românica.

Vejam, então, o que as escavações de Compostela nos trazem para o nosso tema. As sepulturas escavadas na rocha concentram-se a sul e a oeste dos templos de Afonso II (sagrado em 829) e de Afonso III (sagrado em 899). Não invadem o espaço interior dos dois templos e apenas uma se encontra no átrio de Afonso III, sendo anterior a ele e, portanto, coeva do templo de Afonso II, podendo ser datada de [829-899]. O recinto funerário de Anastásio († 985) foi erguido sobre uma sepultura escavada na rocha, mas este espaço parece ser obra posterior à sepultura. A sepultura

não está, de resto, no alinhamento da tampa de Anastásio, que se implanta muito acima dela, pousada na terra. Mas as tampas de Vandila († 979), de Martinho († 1047) e de Dagaredo († 1062) cobriam sepulturas escavadas na rocha, de tipologia antropomórfica, e tudo indica que seriam coevas do enterramento. Ou seja, em Santiago de Compostela as sepulturas escavadas na rocha foram utilizadas a partir de 814 (data da *inventio* do túmulo do Apóstolo) ou de 829 (data da sacração do templo I), em conexão com o templo de Afonso II, e continuavam a ser criadas em 1062, em torno do templo de Afonso III reconstruído por D. Pedro de Mezonzo na sequência da destruição causada pela investida de al-Mansur, em 997. Se continuaram a ser criadas depois de 1075 não o sabemos: o cemitério deslocou-se para fora do perímetro arquitetónico da Catedral e não foi abrangido pelas escavações de Manuel Chamoso Lamas e de José Guerra Campos.

Analisemos agora alguns casos portugueses onde a criação de sepulturas escavadas no substrato rochoso continuou a ser praticada muito depois dos finais do século XI. Começemos pela Igreja de S. Pedro de Lourosa, que nos faculta alguns dados cronológicos para a origem e para a longa diacronia das sepulturas escavadas na rocha. A Igreja de Lourosa está datada por uma epígrafe que indica a Era de 950 (AD 912). É, portanto, um ano anterior a S. Miguel de Escalada (igreja iniciada em 913 e sagrada em 914). Durante o processo de restauro, conduzido pela DGEMN e largamente documentado pelo fotógrafo Marques Abreu, foi desmontado o campanário gótico, que se erguia à esquerda da fachada principal do templo, e que foi deslocado alguns metros para leste, para as traseiras da igreja⁵⁹. Ao desmontar-se o campanário verificou-se que o mesmo selava um pequeno conjunto de sepulturas escavadas na rocha. O restauro implicou o levantamento de todo o pavimento da igreja. No interior do templo o afloramento rochoso revelou-se pejado de enterramentos rupestres, em número que, infelizmente, não foi devidamente registado. As fotografias do arquivo da DGEMN mostram a nave do templo cheia de enterramentos rupestres, e uma planta regista outras sepulturas mais à frente, na zona onde, outrora, se implantara a *iconostasis*. Esta foi demolida com a reforma românica da igreja de Lourosa, também datada epigraficamente, ocorrida em 1189. Isto significa que, em Lourosa da Serra, as sepulturas escavadas na rocha começaram a ser criadas por volta do ano de 912, mas que continuavam a ser modalidade de enterramento em 1189 e depois desta data, a ponto de se terem criado novos sepulcros na zona onde antes se apoiava a parede da *iconostasis*.

O segundo caso que revela a persistência do uso de sepulturas rupestres nos finais do século XII ou até em períodos mais avançados é a Sé Velha de Coimbra. A demolição do patim de acesso ao templo, substituído pela atual escadaria que serve

⁵⁹ Sobre o restauro de S. Pedro de Lourosa veja-se FERNANDES, 2002.

a porta ocidental, permitiu colocar a descoberto uma série de sepulturas escavadas na rocha, de que António de Vasconcelos nos deixou uma planta⁶⁰. Na sua planta é possível verificar que o alinhamento da fachada românica veio truncar sepulturas antropomórficas escavadas na rocha⁶¹. A construção da fachada românica pertence aos meados da segunda metade do século XII. Nela já se trabalhava no tempo do bispo D. Miguel Salomão, que foi o grande dinamizador da fábrica românica e que abdicou da cadeira episcopal em 1176. Nessa altura a obra já estava numa fase muito avançada⁶². As sepulturas truncadas pertenciam, portanto, ao cemitério que se polarizava em torno da igreja pré-românica de Coimbra. Mas, depois da fachada da Sé Velha ter sido construída, novas sepulturas foram criadas, agora alinhadas pela nova parede ocidental. A planta divulgada por António de Vasconcelos é bem clara e até revela que havia um ligeiro desvio axial entre os sepulcros da primeira e da segunda fase. Os enterramentos da primeira fase seguiam a orientação do curso solar; os da segunda fase foram alinhados pelos muros da nova construção. Portanto, em Coimbra, no último quartel do século XII, ou até numa fase um pouco mais avançada, ainda se criavam sepulturas escavadas na rocha.

Outro exemplo igualmente tardio é o do claustro do convento de Santa Marinha da Costa. Aqui, a última fase de sepulturas escavadas na rocha, que preenche a ala leste do claustro, está claramente alinhada com a estrutura claustral, que foi erguida nos inícios do século XIII. Isto significa que, na Costa, em pleno século XIII, se continuava a criar sepulturas rupestres, o que se explica pela escassa potencia estratigráfica que existia naquela zona do claustro, o que implicava que qualquer enterramento teria de ser rebaixado no substrato rochoso.

No adro da Sé do Porto, quando se fizeram escavações na década de 1940, apareceram diversas sepulturas escavadas na rocha contendo ceitis de D. Afonso V e encerradas com materiais tardo-medievos reaproveitados, o que parece documentar, se não a criação, pelo menos a utilização de sepulturas rupestres, em contexto urbano, ainda no século XV⁶³.

Por fim, registemos que a necrópole de S. Pedro de Marialva, escavada por Maria Antónia Amaral, deu numismas entre D. Afonso III e D. Sebastião. Aparecidas em contexto funerário, isto é, no interior de sepulturas, registaram-se 14 moedas: uma romana, dois dinheiros de D. Afonso III (1248-1279), um dinheiro de D. Afonso XI de Castela (1312-1350), um dinheiro de D. Pedro I (1357-1367), três ceitis de D. Afonso V (1438-1481), dois ceitis de D. Manuel I (1495-1521), um ceitel de D. João

⁶⁰ VASCONCELOS, 1935: 2, 199; Suplemento ao vol. II:12. Esta planta foi reproduzida por nós em BARROCA, 1987: 125, Fig. 2 (= BARROCA, 2010-2011, Fig. 3), com tratamento gráfico para assinalar as duas fases da necrópole.

⁶¹ BARROCA, 1987: 124-125; 2010-2011: 133-134.

⁶² REAL, 1974: 151-152.

⁶³ BARROCA, 1987: 164-165; 2010-2011: 166.

III (1521-1557), dois ceitis e uma moeda de três reais de D. Sebastião (1557-1578)⁶⁴. Se o primeiro numisma pode ter sido transportado para o interior do sepulcro com os sedimentos, já os restantes devem corresponder ao momento de utilização (e reutilização) da sepultura, percorrendo toda a baixa Idade Média e ainda os alvares da Época Moderna. Catarina Tente regista, ainda, uma datação de C14 para a necrópole de S. Pedro de Marialva, que forneceu uma data dentro do século XV — 460 ± 40 BP = 1401-1497 cal AD (93,4% probabilidade) — o que confirma os dados fornecidos pela maioria dos numismas⁶⁵. É claro que os numismas e a datação de C14 comprovam a utilização das sepulturas rupestres de Marialva ainda nos séculos XV e XVI. Mas não, necessariamente, a criação de sepulturas escavadas na rocha nessa época. Os casos de reutilização dos sepulcros foram muito abundantes.

Que conclusões podemos colher de todos estes exemplos? Que as sepulturas escavadas na rocha surgiram por volta do século VII, com soluções não-antropomórficas e com largos encaixes de tampa rebaixados. E que tiveram o seu auge entre os séculos IX e XI, com soluções antropomórficas (que conviveram, lado a lado, com soluções não-antropomórficas) e que foram, depois, paulatinamente substituídas por outras formas de enterramento. Mas que, até aos finais da Idade Média, e até em épocas posteriores, houve zonas onde continuaram a ser utilizadas e reutilizadas.

3. QUE ENQUADRAMENTO RELIGIOSO?

Apesar de não podermos afirmar que as sepulturas escavadas na rocha ou que as soluções antropomórficas em sepulcros medievais sejam opções exclusivas do espaço peninsular, é aqui que elas atingiram uma expressão mais significativa. Com efeito, conhecem-se vários exemplos de soluções antropomórficas em sepulcros medievais distribuídos um pouco por toda a Europa (França, Itália, Inglaterra), quer ao nível de sarcófagos, quer de sepulturas definidas por elementos avulsos⁶⁶. E, mesmo para as sepulturas escavadas em afloramentos rochosos, também podemos apontar vários exemplos franceses e ingleses⁶⁷. Mas não podemos deixar de sublinhar que, à vista dos milhares de exemplos conhecidos para a Península Ibérica, os casos de além-Pirenéus se afiguram como residuais.

Durante muito tempo aceitou-se — se não de forma explícita, pelo menos de uma forma implícita — que se estava perante uma manifestação funerária cristã.

⁶⁴ AMARAL 2001: 134.

⁶⁵ TENTE, CARVALHO, 2015: 131.

⁶⁶ Vd., entre outros, CAMPECH, 2000; GALMICHE, BUCCIO, ROBIN, 2015; MASSON, RÉVEILLAS, MAURY, 2018; DURAND, 1978, 1988; BOISSAVIT-CAMUS *et al.*, 1996.

⁶⁷ Veja-se, por exemplo, as sepulturas antropomórficas escavadas na rocha da Capela de St. Patrick, Heysham, Lancashire (Inglaterra); as sepulturas antropomórficas da abadia de Montmajour, Arles (França); ou o importante conjunto de sepulturas rupestre da Touraine, em torno de Chinon (França).

Mas esta é uma ideia que também teremos de relativizar, porque sabemos que não o foram exclusivamente.

Com efeito, há necrópoles muçulmanas que utilizam sepulturas escavadas na rocha. Neste caso, e porque a deposição do corpo no mundo islâmico é em decúbito lateral, com a face voltada para Meca, os sepulcros não são, naturalmente, de configuração antropomórfica. São cavidades de configuração sub-retangular, muitas vezes dotados de largos encaixes para as tampas. Neste aspeto, elas não podem deixar de recordar o grupo mais recuado de enterramentos rupestres que atrás afluímos, com os quais serão sensivelmente contemporâneas. Entre os exemplos conhecidos salientemos a *maqbara* de Marroquíes Bajos (Jaén), uma necrópole do período emiral (séculos VIII e IX) escavada por Juan Carlos Castillo Armenteros, Mercedes Navarro Pérez e José Luis Serrano Peña⁶⁸, ou a *maqbara* de Tauste (Zaragoza), estudada por Francisco Javier Gutiérrez González, Carlos Laliena Corbera e Miriam Pina Pardos⁶⁹. Mas há mais exemplos: San Nicolás (Ávila), Valdeherrera (Calatayud)... A opção pela criação de cavidade feral escavada em afloramentos rochosos também se estendeu, por isso, ao mundo islâmico.

Mas não só. Também se conhecem necrópoles judaicas que utilizam sepulturas escavadas na rocha, de configuração não-antropomórfica e antropomórfica. A extensa necrópole de Montjuïc (Barcelona), escavada em 1945-46, deu 171 sepulturas escavadas na rocha, antropomórficas⁷⁰. A área da grande necrópole judaica de Barcelona seria de novo intervencionada por ocasião dos Jogos Olímpicos e, mais recentemente, entre 2001 e 2002⁷¹. Se, como vimos, quando optam por soluções rupestres, as sepulturas muçulmanas não adquirem perfil antropomórfico, já no caso das sepulturas judaicas podemos encontrar (ou não) o perfil antropomórfico.

Acrescentemos ainda o exemplo da necrópole judaica de La Cuesta de los Hoyos, o cemitério da comunidade sefardita de Segóvia, estudada por Sónia Fernández Estebán⁷², e que era composta por sepulcros rupestres antropomórficos, com caixa feral trapezoidal e cabeceira igualmente trapezoidal, dotados de um largo rebordo rebaixado, para receber tampa. Associado a um destes enterramentos apareceu um *dinero*, em bolhão, de Afonso VIII (1170-1212).

Em suma, também não podemos afirmar, de uma forma absoluta e generalizada, que as sepulturas escavadas na rocha são conotadas com as comunidades cristãs — elas existiram igualmente em comunidades muçulmanas e judaicas — nem tão pouco que o antropomorfismo é uma solução exclusivamente cristã. Será uma opção maioritariamente cristã, pela sua relação estreita com a crença na ressurreição no

⁶⁸ Cf. SERRANO PEÑA, CASTILLO ARMENTEROS, 2000; CASTILLO ARMENTEROS, NAVARRO PÉREZ, SERRANO PEÑA, 2011; NAVARRO PÉREZ, 2018.

⁶⁹ GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, LALIENA CORBERA, PINA PARDOS, 2016.

⁷⁰ DURAN Y SANPERE, MILLAS VALLICROSA, 1947.

⁷¹ MAESE i FIDALGO, 2006.

⁷² FERNÁNDEZ ESTEBAN, 1999, 2000.

Dia do Juízo Final: a vontade de imobilizar a cabeça do morto olhando o céu, direcionando-a para Jerusalém. Mas não exclusivamente, uma vez que alguns sepulcros judaicos adotam, igualmente, a configuração antropomórfica.

De resto, a estarem relacionadas com a crença na ressurreição e com a vontade de imobilizar a cabeça do defunto, as soluções antropomórficas deveriam estar associadas à orientação cultural do sepulcro. Com efeito, a «norma» que se difundiu no mundo cristão acabou por recomendar que o sepulcro tivesse a cabeceira orientada para oeste e os pés para este. Ora conhecem-se muitas sepulturas escavadas na rocha que não estão culturalmente orientadas. Há, nomeadamente, um grupo relativamente numeroso de sepulcros que se alinham no sentido norte-sul, uma tendência que parece ter maior acolhimento junto de tipologias não-antropomórficas. Já em 1987 tínhamos constatado que no Alto Minho havia uma prevalência das sepulturas não-antropomórficas não orientadas. Acrescentemos que as sepulturas que Luís Miguel Cabrita estudou no Algarve, com cronologias recuadas, eram todas não-antropomórficas e a esmagadora maioria orientava-se no sentido norte-sul.

4. OUTROS ENQUADRAMENTOS

Analiseemos, por fim, a forma como as necrópoles de sepulturas escavadas na rocha se organizam e se articulam com o povoamento e com a paisagem.

Como se sabe, as sepulturas escavadas na rocha podem ocorrer em quatro tipos de situações: podem surgir isoladas; podem aparecer em grupos restritos, de 2 a 5 sepulturas; podem surgir agrupadas em conjuntos mais numerosos, mas em locais sem vestígio da existência de estrutura de culto religioso; e podem, por fim, surgir em conjuntos numerosos e polarizados em trono de templos paroquiais. Esta tipologia de ocorrências já tinha sido enfatizada por Jordi Bolòs e Montserrat Pagès para a Catalunha⁷³ e por nós para o Entre-Douro-e-Minho⁷⁴. Um dos problemas que se coloca a quem estuda este tipo de enterramentos é a fronteira entre o que se deve considerar um «núcleo» de sepulturas e o que se pode classificar como uma «necrópole» ou um «cemitério». Todos os autores concordam que duas ou três sepulturas não fazem uma necrópole. Mas quando podemos classificar como necrópole uma estação arqueológica deste tipo? O limite de 5 sepulturas será legítimo? Isto é, podemos considerar uma estação com duas a cinco sepulturas como um «núcleo» e outra, sua vizinha, com seis sepulturas como uma necrópole? É sempre difícil de estabelecer este tipo de fronteiras, mas parece-nos que um conjunto de sepulcros próximo da dezena poderá configurar o local de enterramento de uma pequena comunidade. E que, se calhar, um número

⁷³ BOLÓS i MASCLANS, PAGÈS i PARETAS, 1982: 63-64.

⁷⁴ BARROCA, 1987: 128-129; 2010-2011: 136-137.

inferior a cinco enterramentos poderá espelhar apenas um local de enterramento de uma família. Mas estas generalizações são sempre muito subjetivas.

No espaço de uma mesma paróquia podemos encontrar vários locais de enterramento. Às vezes, num mesmo aglomerado populacional encontramos sepulturas implantadas em vários sítios, nomeadamente na periferia do povoado, junto de velhos caminhos. Nos casos de Carrazeda do Alvão ou de Paredes do Alvão isso parece ser claro: os sepulcros localizam-se junto dos velhos caminhos vicinais que articulam as aldeias com a zona de exploração agrícola ou pastoril envolvente.

Iñaki Martín Viso, que em vários trabalhos (2012a; 2012b; 2016; 2017) deu um contributo decisivo para a compreensão deste processo, entende que as sepulturas escavadas na rocha tiveram o seu apogeu entre os séculos VIII e X e que «el momento de finalización del uso de estas necrópolis debe situarse en la consolidación del poblamiento aldeano y de la parroquia como centro de culto y eje de la articulación rural»⁷⁵. Ou «En definitiva, podría aceptar-se que el final de la utilización de las tumbas escavadas en la roca debe situarse hacia el siglo XI, al menos en Riba Còa, como consecuencia de las transformaciones en la ordenación social del territorio»⁷⁶.

Nos seus estudos propôs a classificação das sepulturas escavadas na rocha em quatro grandes grupos:

- Sepulturas isoladas ou agrupadas em conjuntos pequenos (de 2 ou 5 sepulturas) (que designou genericamente por «tumbas aisladas») — que refletiriam a autonomia das famílias no momento de eleição do local de sepultura;
- Sepulturas «aparentemente isoladas» ou agrupadas («tumbas aparentemente aisladas»), em conjuntos formados por 6 a 10 sepulturas, que espelhariam uma «memória familiar» e uma articulação com as áreas de produção;
- Necrópoles compostas por 10 ou mais sepulturas implantadas de forma aleatória ou desorganizada, formando pequenos grupos (a que chamou «necrópolis desordenadas») — que representariam a existência de iniciativas comunitárias na criação de espaços funerários, mas a ausência de uma instância de poder que os organizasse;
- E, por fim, necrópoles com 10 ou mais sepulturas, claramente polarizadas em torno de um espaço único concebido para enterramento (a que chamou «necrópolis alinhadas» ou «ordenadas» — «necrópolis de tumbas agrupadas y alineadas») — que refletiriam a existência de instâncias de poder controlando as comunidades campesinas⁷⁷.

⁷⁵ MARTÍN VISO, 2005-2006: 86.

⁷⁶ MARTÍN VISO, 2005-2006: 87.

⁷⁷ MARTÍN VISO, 2005-2006, 2012a, 2012b, 2016, 2017.

O último modelo, que espelha a existência de «comunidades controladas e geridas por uma instância de poder»⁷⁸, poderia ser plasmado nas necrópoles de sepulturas escavadas na rocha que se registam junto dos castelos de D. Flâmula, documentados no célebre diploma de 960 (PMH, DC 81): Numão, Longroiva, Moreira de Rei, Trancoso e Sernancelhe. Mas é também neste grupo que se devem incluir as necrópoles que surgem na sequência da afirmação e da territorialização da paróquia, à maneira da baixa Idade Média, fenómeno que conduziu à criação do espaço cemiterial único concentrado no adro do templo paroquial, e que corresponde à afirmação da Igreja enquanto «instância de poder».

Que significado podemos atribuir às sepulturas isoladas? Já em tempos defendemos que a opção por locais bem destacados na paisagem, muitas vezes junto de vias, parece indicar que essas sepulturas foram encaradas como uma forma de legitimar a posse de determinadas propriedades por uma família⁷⁹. Se o sepulcro de um antepassado estava num terreno isso significava que essa propriedade estava, desde antanho, na posse daquela família. Preservar a memória dos antepassados era, assim, uma maneira de sancionar a posse das propriedades nas mãos dos seus descendentes. Mesmo que, paradoxalmente, as sepulturas escavadas na rocha sejam anónimas, despersonalizadas⁸⁰. Neste sentido, as sepulturas isoladas poderão ser encaradas como vestígios fossilizados de velhos cadastros de propriedade. Ou como manifestações de poder, de afirmação perante a comunidade.

Se as sepulturas escavadas na rocha podem ser consideradas identificadores de propriedades, logo de espaços de *habitat*, a sua dispersão poderia indiciar um povoamento radicalmente disperso: «assi se ha planteado que las tumbas aisladas estarían relacionadas com un hábitat, disperso, mientras que las necrópolis serían producto de asentamientos concentrados»⁸¹. No entanto, como sublinhou Iñaki Martín Viso, a prevalência de sepulturas isoladas ou agrupadas em núcleos muito reduzidos, dispersas na paisagem, espelha a «la ausencia de un fuerte control de la elección de los lugares de enterramento», mas não necessariamente, nem automaticamente, um *habitat* disperso⁸². Mas este é um aspeto que carece de aprofundamentos monográficos, até porque um dos problemas que continua em aberto para muitas destas estações rupestres é o da localização do local de *habitat*... Sabemos alguma coisa sobre o local onde se enterravam, e como se enterravam, mas sabemos substancialmente menos sobre o local onde viviam estas comunidades.

⁷⁸ MARTÍN VISO, 2012b: 13-14.

⁷⁹ BARROCA, 1987: 134; MARTÍN VISO, 2012a: 10; 2012b: 168.

⁸⁰ BARROCA, 2010: 437.

⁸¹ MARTÍN VISO, 2012a: 10.

⁸² MARTÍN VISO, 2012b: 10; 2012a: 168; 2016: 864.

Mais interessantes se afiguram os agrupamentos de sepulturas. Como já sublinhámos em 1987, a presença de vários locais de enterramento — suficientemente próximos uns dos outros para sabermos que correspondem a uma mesma comunidade; mas suficientemente afastados entre si para impedir que formassem parte de um mesmo e único cemitério — espelha uma fase em que a Igreja ainda não tinha conseguido impor o modelo de gestão paroquial que resultou da reforma gregoriana. Esse modelo, que trouxe consigo a territorialização das paróquias e a definição rigorosa do seu âmbito geográfico, impôs que todo o espaço estivesse adstrito a uma paróquia; que essa paróquia tivesse um único responsável nomeado pela hierarquia da Igreja competente, o bispo; que o pároco fosse o único com autoridade para ministrar, dentro desse âmbito territorial, os sacramentos nos rituais de passagem (batizado, casamento e óbito); que existisse uma única igreja dotada de pia batismal, a paroquial; e que existisse um único espaço de enterramento, o cemitério, polarizado em torno do edifício paroquial, no adro. Esta era uma imposição que as velhas e extensas paróquias altomedievicas não podiam almejar. Quem olha para a dimensão territorial das paróquias suévicas compreende que, nessa altura, dentro do espaço de uma paróquia tivesse de coexistir diversos espaços de enterramento. Foi apenas quando o número de paróquias se multiplicou, e o seu âmbito territorial se reduziu, que essa pretensão passou a ser possível. Em suma, uma reforma que assentava na tríade *um templo — um pároco — um cemitério*. Este complexo processo desenrolou-se ao longo das últimas décadas do século XI e na centúria seguinte.

Ora, como se sabe, existem inúmeros casos de povoados onde encontramos vários pequenos núcleos de sepulturas disseminados pela sua periferia. Existem, ainda, cemitérios que apresentam 8, 10 ou mais sepulturas, mas sem vestígios de ter existido templo na sua área ou imediações. Em S. Gens (Forno Telheiro), estação que Catarina Tente estudou, encontramos 56 sepulturas⁸³; na Malpartida (Almeida) temos 38 monumentos; em Vascoveiro registam-se 31 sepulcros; nas Forçadas (Fornos de Algodres) chegámos às 24 sepulturas; e a necrópole do Tribunal de Trancoso apresenta 18 sepulcros. Em todos estes exemplos regista-se a ausência de templo. Parece claro que já havia uma capacidade para impor o agrupamento dos enterramentos, mas não é claro que eles já se estruturassem em torno de edifícios de culto.

Por fim, temos os cemitérios que se polarizam em torno de templos paroquiais. Na maior parte dos casos, estes cemitérios já não optam pelas sepulturas escavadas na rocha, porque eles surgem numa fase em que esta moda de enterramento já estava a cair em desuso. Mas nos casos em que ainda optam por enterramentos rupestres facilmente se alcançam números de sepulcros muito elevados, fruto da prática continuada de enterramento de uma comunidade num espaço reduzido. Como vimos,

⁸³ TENTE, 2010: 203 e ss.; BROOKES, TENTE, PRATA, 2017: 215-238.

este é o modelo da plena Idade Média, o modelo imposto pela reforma gregoriana: uma paróquia estruturada em torno de um templo (o único dotado de pia batismal), com um único espaço de enterramento, entregue a um ministro da Igreja. Mas não é apenas a nomeação do pároco que depende da autoridade episcopal. A própria criação de um templo paroquial está sujeita a ela. Só o bispo pode presidir à cerimónia de sagração ou de dedicação de um novo templo. A reforma trouxe, portanto, um controle estreito de todos os procedimentos por parte da hierarquia eclesiástica.

Valeria a pena discutir, aqui, o que surgiu primeiro: se foi a existência de um cemitério que ditou a construção do edifício de culto, que veio sacralizar um espaço de enterramento ancestral; ou se, pelo contrário, foi a presença do edifício de culto que motivou a abertura das primeiras sepulturas. O facto de algumas sepulturas se apresentarem truncadas pelos muros das igrejas românicas (como vemos, por exemplo, em St.^a Marinha de Moreira de Rei) pode não significar que a necrópole antecedeu o espaço de culto. Podemos estar perante um templo pré-românico, de dimensões mais pequenas, que foi ampliado com a reforma românica.

Em todo o caso, cemitérios como os de S. Pedro de Marialva (com 86 sepulturas escavadas), de St.^a Marinha de Moreira de Rei (com 68 sepulturas visíveis antes do início das recentes escavações, que ampliaram o número total para perto das seis centenas de sepulcros), de S. Julião de Mangualde (com 44 sepulturas escavadas), S. Pedro de Lourosa (mais de 22 sepulturas), ou de St.^a Maria de Sendim (com 21 sepulturas visíveis), correspondem certamente a cemitérios paroquiais, quando a Igreja já tinha conseguido impor o seu modelo territorial.

A imposição do modelo paroquial, entre os finais do século XI e ao longo do século XII, levou a um reordenamento da matriz de povoamento, com a concentração ou nuclearização dos *habitats*. Um processo que talvez não tenha sido totalmente pacífico, já que são conhecidos problemas em torno da territorialização do espaço paroquial.

Os fracos índices de associação entre sepulturas escavadas na rocha e templos paroquiais, que encontramos um pouco por todo o país, refletem, afinal, a cronologia tardia da afirmação dos cemitérios paroquiais, que surgem numa fase em que as sepulturas rupestres já estavam a entrar em desuso.

Sintomaticamente, é nestas sepulturas escavadas na rocha mais tardias, polarizadas em torno de templos, que vamos encontrar os tímidos indícios da personalização dos enterramentos. Referimo-nos ao aparecimento de encaixes para estelas (provavelmente discoides) em S. Miguel de Monsanto (Idanha-a-Nova) e no Senhor da Boa Morte (Povos, Vila Franca de Xira), entre outros.

A aplicação do modelo de Iñaki Martín Viso à região de Viseu, ensaiada por Catarina Tente, revelou 197 locais com sepulturas isoladas (33,4%); 288 locais com 2 a 10 sepulturas (55,2%, num total de 987 túmulos); 18 locais com mais de 10 sepulturas em «cemitérios desordenados» (3,4%, num total de 280 túmulos); 13 locais com

«cemitérios ordenados» (2,5%). Neste estudo, Catarina Tente facultou-nos ainda duas datações de C14: o Alto da Quintinha, estação com uma sepultura isolada, forneceu uma datação de 861-1032 cal AD (91,2%); e o Cemitério de Algodres, uma necrópole de sepulturas «desordenadas», apresenta uma datação de 1224-1315 cal AD (77,7%)⁸⁴. Estas cronologias parecem ir ao encontro do processo histórico que acabámos de traçar.

É tempo de terminar...

Alberto del Castillo construiu um modelo evolucionista que, baseando-se exclusivamente na tipologia das sepulturas, procurou alcançar datações. Como muitos autores constataram, sobretudo em estudos que viram a luz a partir da década de 1980, esse modelo faliu perante inúmeros casos que vieram demonstrar que a diversidade tipológica não pode ser entendida como um indicador cronológico, pelo menos de uma forma absoluta. Iñaki Martín Viso colocou de lado todos os indicadores tipológicos dos enterramentos para avançar com outros modelos interpretativos, baseados na articulação dos sepulcros entre si e com a paisagem. Se calhar é tempo de voltar atrás e de, partindo das análises sugeridas por Iñaki Martín Viso, regressar de novo às tipologias para verificar que tipos correspondem a cada um dos 4 ou 5 grandes modelos de organização destas sepulturas. Isto é, que tipologias correspondem às sepulturas isoladas, às sepulturas estruturadas em núcleos de 2 a 5 enterramentos, às «necrópoles desordenadas», às «necrópoles alinhadas ou ordenadas», nomeadamente em cemitérios paroquiais. Mas isso apenas se consegue com análises de grande amplitude geográfica. As duas grandes bases de dados para as sepulturas escavadas na rocha — a construída por Catarina Tente para a zona do centro de Portugal, e a que, sob nossa orientação, se está a construir para o norte de Portugal — irão, por certo, dar novos contributos na descodificação e no entendimento das sepulturas escavadas na rocha.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Joana Filipa Tuna de (2009). *Sepulturas Escavadas na Rocha no concelho de Vila Real*. «Tellus». 50, 39/68.
- AMARAL, Maria Antónia (2001). *A Necrópole de São Pedro de Marialva. Estudo arqueológico*. «Estudos/ Património». 1, 129-138.
- BARROCA, Mário Jorge; MORAIS, António Joaquim Cardoso (1983). *Sepulturas Medievais na Terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar)*. «Arqueologia». n.º 8, 92-102.
- BARROCA, Mário Jorge; MORAIS, António Joaquim Cardoso (1985-86). *A Terra e o Castelo – Uma Experiência Arqueológica em Aguiar da Pena*. «Portvgalia». Nova Série, 6-7, 35-88.
- BARROCA, Mário Jorge (1987). *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre Douro e Minho (século V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação para Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.

⁸⁴ TENTE, 2017: 215-226.

- BARROCA, Mário Jorge (1988). *A Ocupação Medieval em Castelo de Matos – Primeira Abordagem*. «Arqueologia». 17, 159-171.
- BARROCA, Mário Jorge (1990). *As Sepulturas rupestres de Salvador do Monte (Amarante)*. «Entremuros. Revista Cultural». 1, 31-36.
- BARROCA, Mário Jorge (2008-2009). *De Miranda do Douro ao Sabugal. Arquitectura Militar e Testemunhos Arqueológicos Medievais num espaço de fronteira*. «Portvgalia». Nova Série. 29-30, 193-252.
- BARROCA, Mário Jorge (2009). *Rocha Peixoto e a cronologia das sepulturas escavadas na rocha. A propósito de uma polémica recensão à revista «Portvgalia»*. 43, 221-233.
- BARROCA, Mário Jorge (2010-2011). *Sepulturas Escavadas na Rocha de Entre Douro e Minho*. «Portvgalia». Nova Série. 31-32, 115-182.
- BOISSAVIT-CAMUS, Brigitte *et al.* (1996). *Chrono-typologie des tombes en Anjou-Poitou-Touraine*. In *Archéologie du cimetière chrétien. Actes du 2e colloque ARCHEA (Orléans 1994)*, suplemento de *Revue Archéologique du Centre de la France*. Tours, pp. 257-269.
- BOLÓS MASCLANS, Jordi; PAGÉS PARETAS, Montserrat (1982). *Les sepultures excavades a la roca*. In RIU, Manuel, *dir. Necropolis i sepultures medievals de Catalunya*. Barcelona: Departament d'Historia Medieval, pp. 59-103.
- BROOKES, Stuart; TENTE, Catarina; PRATA, Sara (2017). *Interpreting Rock-Cut Grave Cemeteries: the early medieval necropolis and enclosure of São Gens*. «Medieval Archaeology». 61: 2, 215-238.
- CABRITA, Luís Miguel (2011). *Contributo para o estudo do povoamento rural alto-medieval de Silves*. In GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; TENTE, Catarina, *ed. Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Encontros e Desencontros*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 239-254.
- CABRITA, Luís Miguel Guerreiro (2014). *Cabrita, Povoamento Alto Medieval de São Bartolomeu de Messines*. S. Bartolomeu de Messines: Junta de Freguesia de S. Bartolomeu de Messines. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (Edição da Dissertação de Mestrado)
- CAEIRO, José O. (1984a). *A Necrópole I da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide*. Portalegre: Junta Distrital de Portalegre.
- CAEIRO, José O. (1984b). *A Necrópole II da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide*. Portalegre: Junta Distrital de Portalegre.
- CAMPECH, Sylvie (2000). *Le cimetière de Notre-Dame de Maubourguet (Hautes-Pyrénées): typochronologie des tombes*. «Archéologie du Midi Médiéval». 18, 27-39.
- CASTILLO ARMENTEROS, J. C.; NAVARRO PÉREZ, M.; SERRANO PEÑA, J. L. (2011). *Las maqbaras de Marroquíes Bajos (Jaén) en torno al 711*. In *711- Arqueologia e Historia entre dos mundos*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, vol. 1, pp. 273-291.
- CASTILLO, Alberto del (1970). *Cronología de las tumbas llamadas “olerdolanas”*. In *XI Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos Arqueológicos Nacionales, pp. 835-845.
- CASTILLO, Alberto del (1972). *Excavaciones Altomedievales en las Provincias de Soria, Logrono y Burgos*. «Excavaciones Arqueológicas en España». 74.
- CHAMBINHO, Mário; HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos (2015). *Sepulturas escavadas na rocha da freguesia do Rosmaninhal (Idanha-a-Nova)*. In *Actas do Congresso Arqueologia de Transição: o mundo funerário*. Évora: Universidade de Évora, pp. 272-288.
- CHAMOSO LAMAS, Manuel (1956a). *Notícia de las excavaciones arqueológicas que se realizaran en la Catedral de Santiago*. «Compostellanum». I, 349-376.
- CHAMOSO LAMAS, Manuel (1956b). *Notícia de las excavaciones arqueológicas que se realizaran en la Catedral de Santiago – Segunda Fase*. «Compostellanum». I :4, 803-856.

- CHAMOSO LAMAS, Manuel (1957). *Excavaciones arqueológicas en la Catedral de Santiago – Tercera Fase*. «Compostellanum». II: 4, 575-624.
- CORREIA, Alberto (1976). *Sepulturas cavadas na rocha no concelho de Sernancelhe*. «Beira Alta». 35: 1, 93-136.
- CORREIA, Vergílio (1946). *O Cemitério da Sé Velha*. In *Obras*. Coimbra: Imprensa da Universidade, vol. I, pp. 99-124.
- CUNHA, Maria Eugénia; UMBELINO, Cláudia; TAVARES, Teresa (2001). *A Necrópole de São Pedro de Marialva. Dados Antropológicos*. «Estudos/Património». 1, 139-143.
- DURAN Y SANPERE, A.; MILLAS VALLICROSA, J. M. (1947). *Una necrópolis judaica en el Montjuich de Barcelona*. «Sepharad». 7: 2, 231-259.
- DURAND, Marc (1978). *Les tombes construites médiévales à cuve céphalique du sud-est de l'Oise*. «Revue archéologique de Picardie». 13, 41-44.
- DURAND, Marc (1988). *Archéologie du cimetière médiéval au sud-est de l'Oise*. «Revue Archéologique de Picardie». 6: 6.
- FERNANDES, Paulo Almeida (2002). *A Igreja pré-românica de São Pedro de Lourosa*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
- FERNÁNDEZ ESTEBAN, Sónia (1999). *Análisis de las estructuras funerárias de la Cuesta de los Hoyos. Segovia. Un ejemplo de necrópolis medieval hebrea*. In *Actas del XXIV Congreso Nacional de Arqueología (Cartagena, 1997)*. Zaragoza: Instituto de Patrimonio Histórico, vol. V, pp. 225-232.
- FERNÁNDEZ ESTEBAN, Sónia (2000). *Las Necrópolis Medievales de la Comunidad Judaica. El caso de la Cuesta de los Hoyos (Segovia)*. In *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP, vol. VIII, pp. 191-205.
- GALMICHE, Thierry; BUCCIO, Vincent; ROBIN, Nadège (2015). *Le cimetière de la ferme de Pouy à Mortefontaine (Aisne) (VIIIe-XIe siècle)*. «Archéologie Médiévale». 45, 39-58.
- GOMES, Mário Varela (2002). *A Necrópole Visigótica do Poço dos Mouros (Silves)*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 5: 2, 339-391.
- GUEDES, César Leandro Pereira (2015). *A Sul do Douro: Percurso pelas sepulturas escavadas na rocha entre os rios Távora e Cabrum*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- GUERRA CAMPOS, José (1982). *Exploraciones Arqueológicas en torno al Sepulcro del Apostolo Santiago*. Santiago de Compostela.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, Francisco Javier; LALIENA CORBERA, Carlos; PINA PARDOS, Miriam (2016). *La Maqbara medieval de Tauste. Primeras investigaciones*. In *I Congreso Arqueologia y Património Aragonés (CAPA)*. Zaragoza, pp. 433-442.
- GUTIÉRREZ LLORET, Sónia; GAMO PARRAS, Blanca (2017). *El Tomo de Minateda entre la Antigüedad Tardía y la Alta Edad Media: nuevos retos en nuevos tempos*. In *La Meseta Sur entre la Tardía Antigüedad y la Alta Edad Media*. Madrid: Junta de Castilla-La Mancha, pp. 47-74.
- GUTIÉRREZ LLORET, Sónia; ABAD CASAL, L.; GAMO PARRAS, Blanca (2004). *La Iglesia visigoda de El Tolmo de Minateda (Hellín, Albacete)*. In BLÁZQUEZ, J. M.; GONZÁLEZ BLANCO, A., ed. *Sacralidad y Arqueologia. Homeaje al Prof. Thilo Ulbert al cumplir 65 años*. «Antigüedad y Cristianismo». 21, 139-170.
- LOPES, Isabel Alexandra Resende Justo (2002). *Contextos Materiais da Morte durante a Idade Média: as necrópoles do Douro Superior*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. 2 vols.
- LÓPEZ QUIROGA, Jorge (2004). *El final de la Antigüedad en Gallaecia. La transformación de las estructuras de poblamiento entre Miño y Duero (Siglos V al X)*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.

- LÓPEZ QUIROGA, Jorge (2010). *Arqueologia del mundo funerário en la Península Ibérica (Siglos V-X)*. Madrid: La Ergástula.
- LÓPEZ QUIROGA, Jorge; GARCÍA PÉREZ, LAURA (2014). *Las tumbas excavadas en la roca en la Península Ibérica: tipología, cronología y problemas de interpretación*. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge; MARTÍNEZ TEJERA, Artemio M, ed. *In concavis petrarum habitaverunt. El fenómeno rupestre en el Mediterráneo Medieval: de la investigación a la puesta en valor*. Oxford: Archaeopress, pp. 36-83.
- LOURENÇO, Sandra Clara Alves (2007). *O Povoamento Alto-medieval entre os rios Dão e Alva*. «Trabalhos de Arqueologia». 50.
- MACHADO, João Nuno (2019). *A Terra de Monte Longo na Idade Média. Das origens a 1438*. Fafe: Câmara Municipal de Fafe.
- MAESE i FIDALGO, Xavier (2006). *Montjuïc: La Necrópolis Jueva de la Barcelona Medieval*. Barcelona: Codex Arqueologia i Patrimoni.
- MARQUES, Jorge Adolfo de Meneses (1991). *Sepulturas rupestres da Côta, Viseu*. «Beira Alta». 50: 1-2, 169-178.
- MARQUES, Jorge Adolfo de Meneses (1997). *Sepulturas excavadas na rocha no concelho de Penalva do Castelo*. In *Castelo e Terras de Pena Alba: Vestígios Histórico-Artísticos*. Penalva do Castelo, pp. 33-45.
- MARQUES, Jorge Adolfo de Meneses (1999). *Carta Arqueológica do Concelho de Vouzela*. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela.
- MARQUES, Jorge Adolfo de Meneses (2000). *Sepulturas excavadas na rocha na região de Viseu*. Viseu: Ed. do Autor.
- MARQUES, Jorge Adolfo de Meneses; GAMA, Teresa Maria Simões (1995). *A Necrópole de sepulturas excavadas na rocha das Forcadas (Matança, Fornos de Algodres)*. Gouveia: ADRUSE.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2005-2006). *Elementos para el análisis de las necrópolis de tumbas excavadas en la roca: el caso de Riba Côa*. «CuPAUAM Cuadernos de Prehistoria y Arqueología. Universidad Autónoma de Madrid». 31-32, 83-102.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2007). *Tumbas y sociedades locales en el centro de la península en la alta edad media: el caso de la comarca de Riba Côa (Portugal)*. «Arqueologia y Territorio Medieval». 14, 21-47.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2011). *La organización social de los espacios funerarios altomedievales en los territorios al sur del Duero*. In GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; TENTE, Catarina, coord. *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Encontros e Desencontros*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 225-238.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2012a). *Enterramientos, memoria social y paisaje en la Alta Edad Média: propuesta para un análisis de las tumbas excavadas en la roca en el centro oeste de la Península Ibérica*. «Zephyrus». 69, 165-187.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2012b). *Paisajes sagrados, paisajes eclesiásticos: de la necrópolis a la parroquia en el centro de la Península Ibérica*. «Reti Medievali Rivista». 13: 2, 3-45.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2016). *Comunidades locales, lugares centrales y espácios funerários en la Extremadura del Duero Altomedieval: Las necrópolis de tumbas excavadas en la roca alineadas*. «Anuário de Estudos Medievales». 46: 2, 859-897.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2017). *A place for the ancestors: early medieval burial sites in central area of the Iberian Peninsula*. In BIS-WORCH, Christiane; THEUNE, Claudia ed. *Ruralia XI*. Leiden: Sidestone Press, pp. 227-240.
- MASSON, Juliette; RÉVEILLAS, Hélène; MAURY, Marie (2018). *La fouille de la place de l'église Saint-Pierre à Bruges (Gironde): d'une occupation alto-médiévale à un cimetière paroissial*. «Bulletin du Centre d'Études Médiévales d'Auxerre». 22. Disponível em <<http://journals.openedition.org/cem/15922>>.
- MOLIST CAPELLA, Núria; RIPOLL, Gisela, coord. (2012). *Arqueologia funerária al nord-est peninsular (segles VI-XII)*. Olèrdola, Museu d'Arqueologia de Catalunya. 2vols.

- NAVARRO PÉREZ, Mercedes (2018). *La Maqbara del Camino de Bayyasa (Marroquíes Bajos, Jaén)*. «Lucentum». 37, 281-303.
- NUNES, Manuel; SOUSA, Luís; GONÇALVES, Carlos (2006). *Sepulturas medievias escavadas na rocha no concelho de Lousada: o cemitério rupestre do Irmeiro (Boim)*. «Oppidum». 1, 47-67.
- NUNES, Manuel; SOUSA, Luís; GONÇALVES, Carlos (2008). *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.
- PEREIRA, Ana Sofia Silva (2015). *Inventário e Georreferenciação do mundo funerário rupestre medieval no centro de Portugal*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Relatório de Estágio em Arqueologia.
- PRATA, Sara (2012). *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Mestrado.
- PRATA, Sara (2014). *Espacios funerarios altomedievales del Norte de la Serra de São Mamede (Portalegre, Portugal): Una propuesta de organización espacial*. «Revista Arkeogazte». 4, 261-279.
- QUEIRÓS, Eugénio (2011). *As sepulturas Medievais do Concelho de Marco de Canaveses*. Porto. Disponível em <https://www.academia.edu/807507/Sepulturas_medievais_do_Marco_de_Canaveses>.
- REAL, Manuel Luís (1974). *A Arte Românica de Coimbra (Novos dados – Novas hipóteses)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Licenciatura.
- REAL, Manuel Luís (1985). *Notícia Histórica*. In *Pousada de Santa Marinha*. Guimarães. «Boletim da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais». 130, 9-11.
- RIBEIRO, Flávio Marques; SILVA, Maria Antónia (1997). *Sepulturas escavadas na rocha do concelho de Seia*. In *Actas do II Colóquio Arqueológico de Viseu*. Viseu, pp. 127-142.
- RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro (1975). *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.
- RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro (1978). *Sepulturas Medievais no Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.
- SANTOS, Ana Cristina Calais Freire dos (1991-1992). *Contributo para o estudo das sepulturas rupestres do Monte do Senhor da Boa Morte*. «Cira». 5, 11-48.
- SANTOS, Maria José Ferreira dos (2005). *A Terra de Penafiel na Idade Média. Estratégias de ocupação do território (875-1308)*. «Cadernos do Museu». 10.
- SERRANO PEÑA, J. L.; CASTILLO ARMENTEROS, J. C. (2000). *Las necrópolis medievales de Marroquíes Bajos, (Jaén)*. *Avance de las investigaciones arqueológicas*. «Arqueología y Territorio Medieval». 7, 93-120.
- TAVARES, António Luís Marques (1999). *Sepulturas escavadas na rocha no concelho de Mangualde*. Mangualde: [s.n.].
- TAVARES, António Luís Marques (2007). *Sepulturas escavadas na rocha das freguesias de Cunha Baixa e Espinho (Mangualde)*. *Contributo para a História da Alta Idade Média numa micro-região*. Mangualde: [s.n.].
- TEIXEIRA, Ricardo Jorge Coelho Marques Abrantes (1996). *De Aquae Flaviae a Chaves: Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- TENTE, Catarina (2000). *Estudo sobre as sepulturas rupestres do actual concelho de Gouveia (1993-1998)*. «Gaudela». 1, 44-72.
- TENTE, Catarina (2007a). *A ocupação alto-medieval da encosta noroeste da Serra da Estrela*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 47).
- TENTE, Catarina (2007b). *Paisagens humanas alto-medievais na Vertente Noroeste da Serra da Estrela (Portugal)*. «Territorio, Sociedad y Poder». 2, 87-108.

- TENTE, Catarina (2007c). *Rock-cut graves and cemeteries in the medieval rural landscape of the Viseu region (central Portugal)*. In THEUNE, C.; BIS-WORCH, C., ed. *Religion, cults & rituals in the medieval rural environment. Rurality XI*. Leiden: Sidestone Press, pp. 215-226.
- TENTE, Catarina (2010). *Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego, Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tese de Doutoramento.
- TENTE, Catarina (2011). *Dos séculos IX ao XI no Alto Vale do Mondego (Guarda, Portugal): Dinâmicas de povoamento e estruturas sociais*. «Debates de Arqueologia Medieval». 1, 23-43.
- TENTE, Catarina (2012). *Settlement and territory in the Upper Mondego Basin (Centre of Portugal) between the 5th century and the 11th century*. «Archeologia Medievale». 39, 385-398.
- TENTE, Catarina (2015). *Tumbas rupestres en el Alto Mondego (Guarda, Portugal). Patronos de distribución, significados y construcción del paisaje rural altomedieval*. «Munibe Antropologia-Arkeologia». 66, 271-290.
- TENTE, Catarina; CARVALHO, António Faustino (2015). *Sepulturas e necrópoles alto medievais na investigação portuguesa. Metodologias, problemáticas e perspetiva*. In QUIRÓS CASTILLO, J. A.; CASTELHANOS, S. ed. *Identidad y etnicidad en Hispania. Propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VIII (DAM 8)*, Vitória: Gasteiz, pp. 125-144.
- TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (1998). *Sepulturas escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». I: 2, 191-217.
- TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (2002). *Sepulturas escavadas na rocha do distrito de Évora*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 5: 1, 239-258.
- TENTE, Catarina; MARTINS, A. C. (1994). *Levantamento arqueológico do concelho de Gouveia, 1ª fase: a necrópole medieval do Risado, o conjunto de Carreira Cova e a Sepultura do Penedo do Mouros. Notícia preliminar*. «Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.». 2, 283-291.
- VALERA, António Carlos (1990). *Sepulturas Escavadas na Rocha do Concelho de Fornos de Algodres*. Fornos de Algodres: G.A.F.A.L.
- VASCONCELOS, António de (1935). *A Sé Velha de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 2 vols.
- VIEIRA, Marina Afonso (2004). *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. «Trabalhos de Arqueologia». 36.